

## **NARRADORES NA REGIÃO LONDRINENSE: ASPECTOS E CONJUNTURAS**

Marcelo Rodrigues Jardim<sup>1</sup>

### **RESUMO:**

Neste artigo, o objetivo é mostrar um panorama das conjunturas que propiciam o aprendizado e a atualização de narrativas orais, bem como mostrar alguns aspectos socioculturais dos narradores da região londrinense (Londrina – Paraná), especificamente, dos distritos de Irerê, Paiquerê e Lerroville. As informações apresentadas tomam por base uma pesquisa de campo feita em 2005, na qual foram feitas entrevistas com narradores dos três distritos. As discussões, presentes no artigo, fizeram parte de uma pesquisa de mestrado em Letras/Estudos Literários na Universidade Estadual de Londrina.

Palavras-chave: narrativas orais; distritos de Londrina; narrador.

### **RÉSUMÉ:**

Dans cet article, l'objectif est de montrer un panorama des conjonctures qui autorisent l'apprentissage et l'actualisation de narratives orales, ainsi que de montrer quelques aspects socio-culturels des narrateurs de la région de Londrina (Londrina – Paraná), plus spécifiquement, des districts de Irerê, Paiquerê et Lerroville. Les informations présentées se basent à partir d'une recherche sur le terrain faite en 2005, dans laquelle les entrevues avec des narrateurs des trois districts ont été faites. Les discussions, présentées dans cet article, sont partie d'une recherche de maîtrise de Lettres/Études Littéraires à l'Université d'État de Londrina.

Mots-clés: narratives orales; districts de Londrina; narratuer.

Entre os anos de 2005 e 2007, realizei uma pesquisa de mestrado em Letras, Estudos Literários, pela Universidade Estadual de Londrina. O objetivo de tal pesquisa era verificar qual relação havia entre algumas narrativas orais e preceitos éticos da comunidade de narradores de três distritos da região londrinense (Londrina – Paraná): Irerê, Paiquerê e Lerroville. A pesquisa de campo foi feita no início de 2005. Nela, além de recolher narrativas orais, entre outras, que atualizassem a ética comunitária, fiz perguntas a respeito da vida dos narradores, com a intenção de verificar quais

---

<sup>1</sup> Doutorando em Letras/Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina. Email: marcelorjletras@hotmail.com

conjunturas propiciavam o aprendizado e a atualização de narrativas, além de verificar quais as características dos narradores desses distritos. Assim, a meta, neste espaço, é apresentar um panorama do que foi percebido em relação à conjuntura de aprendizado e atualização de narrativas orais na comunidade de narradores dos três distritos, além de mostrar alguns aspectos socioculturais dos narradores dessa região. Cabe ressaltar que as informações mostradas neste artigo são partes retiradas diretamente de minha dissertação, com pequenas alterações.

Todos os narradores dos distritos entrevistados têm mais de 50 anos. Alguns estão aposentados, outros continuam trabalhando. Uma característica comum entre eles é que nenhum nasceu na cidade de Londrina. Outras regiões do Paraná, o interior de São Paulo, o interior de Minas Gerais são os mais reiterados como local de nascimento. Um dos narradores nasceu no Ceará. Muitas das histórias escutadas se passaram ou ficaram conhecidas pelo narrador nas regiões de origem. Outras histórias estão ligadas aos processos de migração e/ou fixação na região londrinense. Devido a isso há uma variedade de narrativas, desde mitos até histórias de trancoso.

No que se refere ao lugar pesquisado, a cidade sede desses distritos, Londrina, faz parte do Norte Central do Paraná e está distante 369 Km da capital Curitiba. Segundo o censo do IBGE, a estimativa de população em 2008 era de 505.184 habitantes<sup>2</sup>. A assinatura do Decreto Estadual de criação do município se deu no dia 03 de dezembro de 1934 e sua instalação foi no dia 10 de dezembro de 1934, data em que se comemora o aniversário da cidade. O setor industrial tem pouca expressão, destacando-se mais os setores de comércio e prestação de serviços. A agricultura tem grande importância para a cidade. O Município de Londrina é constituído pelo distrito sede e pelos distritos do Espírito Santo, Guaravera, Irerê, Lerroville, Maravilha, Paiquerê, São Luiz e Warta. Como informei, a pesquisa de campo foi desenvolvida nos distritos de Irerê, Paiquerê e Lerroville, dos quais apresento informações a seguir.

---

<sup>2</sup> As informações foram retiradas do site oficial da prefeitura de Londrina. Algumas informações sobre os distritos também foram retiradas desse site e complementadas com o que consta na Wikipédia. Perfil de Londrina ano de 2008. Endereço: <http://arara.londrina.pr.gov.br>. Acesso em 25 fev. 2009.

O distrito de Irerê<sup>3</sup>, distante 25 Km de Londrina, foi fundado em 1932/1933. O local em que está situado era uma fazenda conhecida como Fazenda Marrecas<sup>4</sup>. Tornou-se oficialmente distrito em 10 de outubro de 1947. Também faz parte de Irerê o patrimônio de Taquaruna. No censo demográfico de 2000, a área urbana de Irerê contava com uma população de 1.425 pessoas e a rural com 765.

Paiquerê<sup>5</sup>, distante 35 Km de Londrina, foi considerado distrito em 21 de dezembro de 1964 e era chamado “Cruzeiro do Sul”. Formam o distrito, ainda, os patrimônios de Guairacá e Bairro do Nogueira. A população urbana em 2000 era de 1.162 habitantes e a rural de 1.317.

Lerroville<sup>6</sup> tem esse nome em homenagem a Nicolau Lerro, morador da região assassinado devido a disputas por posses de terra durante a colonização. Em memória desse homem, os habitantes começaram a chamar o lugar de Vila do Lerro, por fim Lerroville. Sua criação está ligada a um grande incêndio na região, que devastou a mata, e posterior plantio de café na terra devastada. Tornou-se distrito em 29 de novembro de 1963. Está distante 49 Km de Londrina. Sua população urbana era de 1.686 habitantes e a rural de 3.018, conforme censo feito em 2000.

Em relação às conjunturas favoráveis para a atualização e o aprendizado de um tema narrativo, o trabalho, as reuniões familiares e de amigos se mostraram como os instantes mais comuns. No entanto, foi percebido que também há situações do cotidiano que permitem atualizações.

No que se refere ao trabalho, as recolhas apontaram, principalmente, para seis modalidades profissionais de atividade produtiva, as quais, direta e/ou indiretamente, propiciam/propiciaram trocas culturais, são elas: o formador de café, o agregado, o arrendatário, o dono de pequenos lotes rurais, o empregado fixo com vínculo empregatício e o contratado temporariamente.

Formar café consistia no plantio de mudas até a maturação da planta. O trabalhador cuidava da limpeza do terreno cafeeiro, combatia as pragas, entre outras

---

<sup>3</sup> Endereço: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Irer%C3%AA\\_\(Londrina\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Irer%C3%AA_(Londrina)). Acesso em 25 fev. 2009.

<sup>4</sup> Irerê é o nome indígena para a ave “marrecas”.

<sup>5</sup> Endereço: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Paiquerê>. Acesso em 25 fev. 2009.

<sup>6</sup> Endereço: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Lerroville\\_\(distrito\\_de\\_Londrina\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lerroville_(distrito_de_Londrina)). Acesso em 25 fev. 2009.

tarefas. Toda produção – ou parte – e lucro resultante eram de sua propriedade. Como o local de produção ficava sob responsabilidade do formador, ele frequentemente plantava outros tipos de alimento para sua subsistência. Depois de quatro anos, em média, o agricultor devolvia as terras ao dono legal e rumava para outros lugares, como relata seu Geraldino a respeito de sua experiência de vida:

Era por centena, não! era formador, sabe? Formava café. Quatrocentas pé de café, quatro mil! [...] É assim, a gente formava o café, o que produzia até o café... até passou os quatro ano era da gente e depois entregava pro patrão, né? Então, é. E, assim foi. Aí eu mudei, fui mudando, mudei dezesseis... fiz dezesseis mudança. Ia pra Maringá<sup>7</sup>, voltava. Ia pra Maringá outra vez. Não tinha parada, que tudo lugar que ia, não tava bom, não é? Ou por uma coisa, ou por outra. Aí foi, voltei lá pra Cornélio<sup>8</sup>, fui nessa Água São Paulo, perto de Cornélio, seis quilômetro. (ENTREVISTA: Geraldino de Camargo, distrito de Lerroville).

Outro fato é que nem sempre a terra era produtiva, bem como acontecia do proprietário legal mudar as regras para seu proveito, o que trazia dificuldades para o trabalhador e nova migração.

Seu José Pereira, como exemplo comum a outros narradores, conta que veio do Estado de Minas Gerais para o Paraná com vinte e uma pessoas. Encontrou obstáculos no início, mas conseguiu guardar algum dinheiro. Infelizmente, quando já contava com uma considerável soma, foi vítima de um incêndio no local em que residia. Perdeu tudo. Recebeu ajuda de um altruísta, conseguiu se reerguer e deixa clara a importância de perseverar:

Agora teve um cara que tinha, tinha um boteco, então, ele pegou e deu, deu pra nós de tudo. É... alumina, prato, colher, deu de tudo, né? É, até concha e tudo, ele deu pra nós. Que o nosso queimou tudo, né? Daí, então, a gente foi trabalhar de novo, sofremo. Aí já tava sofrendo, queimou tudo que tinha, né? Até o dinheirinho que tinha. Então, a gente, gente... foi trabalhar, sofrendo. Onde nós tocou essa lavoura de algodão, eu parei de tocar, né? Mas daí foi melhorando. Mudei pra uma fazenda. E essa fazenda foi bom pra mim. Colhi bastante coisa, criava porco, engordava porco, às vez engordava capado que dava lata de banha, dava oito arroba, dava quatro lata de banha. Nós enlatava a carne tudo. Frango, frango tinha bastante, nós

---

<sup>7</sup> Município paranaense.

<sup>8</sup> Cornélio Procópio. Município paranaense.

quase não comprava mistura. E negócio de arroz, feijão, nós não comprava, porque... nesse tempo nós colheu bastante, né? E foi melhorando, né? (ENTREVISTA: José Pereira Cardoso, distrito de Lerroville).

Seu Geraldino relata um fato muito parecido:

Mas, então, com tudo esse sofrimento que eu tive, chegou a ponto que... essa vez que eu tava contando pra você, nós fizemos novena, eu perdi a minha roça. Perdi tudo!

Eu tinha um casazinho pequenininho. Eu fiquei sem o arroz, que eu plantei. Fiquei sem o feijão, que deu clipe na lua, pretejou tudo. Perdi o milho que cortava assim embaixo e jogava pro gado do patrão. Fiquei sem nada. (ENTREVISTA: Geraldino de Camargo, distrito de Lerroville).

A irmã do narrador é quem o ajudou ao dar dinheiro para a compra de suínos. Essa era uma situação cotidiana entre a maioria dos narradores que não possuía um lote próprio: dificuldades e esperança de uma vida melhor.

Como agregado, fazia os trabalhos corriqueiros de uma fazenda, podia criar animais e aves, manter um pequeno lote para plantação particular ou ficar com o excedente de produção. Tudo dependia da relação com o dono da terra. Uma vez quebrado o bom relacionamento, o agricultor rumava para uma nova fortuna.

Como arrendatário – atividade menos comum entre os entrevistados – corria o risco de pegar lotes rurais que não davam resultados satisfatórios de produção ou de enfrentar problemas climáticos no curso do arrendamento. Em geral, a custa de muito trabalho, conseguia se sustentar até a nova empreitada.

O dono de pequenos lotes era o que se fixava mais numa região. Destaca-se, aqui, a forma em voga de limpeza do roçado: o trabalho comunitário conhecido por mutirão, prática comentada por seu Sebastião:

Então, o mutirão é o seguinte: cê juntava uma turma hoje, por exemplo, cê é o vizinho daqui, vamos supor, daqui lá pra rua de cima lá, o posto de gasolina mais ou menos. Ocê morava lá, por exemplo, então cê fala: “Ó!”, juntava uns trinta, quarenta pessoa, falou: “Ó! Vamos fazer um mutirão pra mim fazer uma roçada em tal lugar.” Aí, então, juntava vinte, trinta, quarenta, companheiro e ia pra você aquele dia. E assim ia. Daí no outro dia juntava outro. Quando cê terminava teu serviço, chegava na parte da tarde, cê matava porco e leitoa. E ali

cê fazia um baile, amanhecia o dia. (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê).

Com pequenas diferenças de uma região para outra, o mutirão era um dos momentos em que as pessoas se relacionavam. Assim, nele, a cantoria, as brincadeiras e a comilança sempre estavam presentes. O dono do roçado ficava responsável por trabalhar em igual período para cada vizinho participante. Desse modo, todos tinham a roça limpa sem gastar com a contratação de empregados. Essa prática ainda existe, mas em pouquíssimas regiões, pois muitos dos pequenos lotes foram dando lugar às fazendas. Nestas, aparecem o empregado assalariado, que mantém o serviço geral da fazenda durante o ano, e o empregado temporário, geralmente contratado para a época da colheita. As relações também costumam ser cordiais, como relata seu Lázaro Ferreira, que chegou a trabalhar com um grupo considerável:

Eu trabalhava de fiscal, tinha amizade com todo mundo, né? Trabalhava com bastante gente. Quando eu tava num sítio ali, trabalhava com trinta, quarenta pessoa, durante cinco, seis mês. Depois passei na fazenda (incompreensível) de café, uma média de cem pessoa. Tudo na amizade. Bom pra trabalhar. (ENTREVISTA: Lázaro Ferreira dos Santos, distrito de Irerê).

Em meio a tantos trabalhadores, poderia acontecer de alguém extrapolar algumas regras de conduta. Mas, segundo informou Dona Carmem, o responsável chamava a atenção dos empregados, temporário ou fixo, lembrando que ali havia família. Procurava-se evitar confusões.

A troca de experiências socioculturais acontecia diariamente. A mesma Dona Carmem faz um relato, o qual serve de exemplo:

Eu ia debulhar amendoim de noite pra plantar, né? Então, ia debulhando amendoim e contando caso. Então, eu gostava de lá, o pessoal fazia muita planta, lavoura, essas coisa assim, né? Então, juntava... dez, doze pessoa, criançada tinha. [...]  
Escutava. Meu vô contava caso pra nós, mas que era caso de verdade memo. Ele sabia tudo, por causo daquela gente que ia debulhar amendoim de noite. Tinha um véio lá que contava caso também pra danar. (ENTREVISTA: Carmem Tavares da Silva, distrito de Irerê).

O formador de café, o agregado e o arrendatário, conforme mudavam de uma região para outra, levavam consigo as práticas culturais, entre elas, as narrativas orais

escutadas e as histórias vividas por eles, além de apreenderem as contadas no novo lugar. Os camaradas do mutirão vivificavam e transmitiam as lendas, os mitos, as anedotas, os causos etc., tanto no trabalho como nos momentos em que aconteciam as festas. Assim como os empregados fixos e temporários, estes chegavam a percorrer grandes distâncias, também trocavam experiências entre si. Troca que se assemelha ao exposto por Walter Benjamin (1996), quando faz considerações a respeito da obra de Nikolai Leskov.

Benjamin observa que o narrador tradicional busca elementos para a construção de narrativas na experiência pessoal e no diálogo com outras pessoas. Assim, o que é narrado vem do próprio saber adquirido no cotidiano e do relatado por outros. A narrativa pode incorporar-se à experiência dos ouvintes. Esse pensador separa os narradores em dois grupos: aqueles que conhecem outros lugares, os quais trazem novidades para a comunidade, e os que estão ligados a determinado lugar, conhecedores das histórias e das tradições do povo local. As formas de trabalho observadas propiciam essa troca de experiência entre pessoas que migram com frequência e aquelas que se fixam em um local.

De acordo com o que foi observado nas entrevistas com os narradores dos distritos pesquisados, as relações sociais e encontros entre familiares e amigos são outras formas, mais comuns, de atualização de manifestações culturais, principalmente quando a figura do “mais velho” está presente – fato afirmado pelos narradores quando comentavam a respeito de como haviam aprendido a história ou como as pessoas se reuniam antigamente para narrar. Nessa comunidade, nota-se haver uma aura de respeito, mais ou menos comum, em torno da pessoa idosa, sobretudo dos avôs e avós.

Alguns narradores comentaram que desde criança escutavam histórias de pessoas mais velhas. As crianças, entre outros meios de aprendizado, como lembra Ecléa Bosi (1999), também adquirem conhecimento das pessoas de idade que participaram na sua socialização. Um exemplo pode ser tirado da entrevista com Dona Carmem. Ela relata que seu avô, o qual viveu cento e quatorze anos, lhe ensinava simpatias para descobrir objetos perdidos e contava histórias, muitas das quais continuam gravadas na memória da neta.

Seu José Isidoro, além de informar que aprendeu histórias observando e ouvindo os mais velhos, defende que o saber é adquirido no decorrer do tempo e pela vontade em aprender:

A gente vai vivendo e aprendendo, né? Vivendo vai aprendendo. Quando a gente mais véio, mais aprende. Vai no estudo, pra que a gente vai pro estudo? Pra aprender. Você tendo boa vocação, a Deus querer, e tendo vontade de estudar, você pega o estudo, cê faz dele o que você quer, porque Deus tá ajudando e sua vontade tá pedindo. Agora se não tiver interesse, meu filho, aí... aí a vaca vai pro brejo. (ENTREVISTA: José Isidoro Barbosa, distrito de Irerê).

O velho tem autoridade para ensinar porque já viveu situações que respaldam seu saber. Pelo percebido na entrevista com seu José Isidoro, existem canais legitimados de aprendizagem, mas esses canais não englobam todo o conhecimento. Há aqueles que só à experiência de vida concerne. Esse narrador, ao falar a respeito do aprendizado de suas histórias, faz o seguinte comentário:

Quando eu vejo a história de pessoa véia, que tem gente que: “Ah! Isso é anedota.” Mas é anedota memo, porque muitas coisas... Por que é que a lei crente, tem muitos crente é certo e muitos errado? Porque três quase e meio dos crente, eles só quer saber o que tá na Bíblia. Mas, não é tudo que tá na Bíblia. Deus deixou muita coisinha por fora. Que o sofrimento Dele tá na Bíblia numa parte, mas a outra tá toda fora, né? (ENTREVISTA: José Isidoro Barbosa, distrito de Irerê).

Subtende-se que, além do instrumento reconhecido, há outras formas do saber, as quais são transmitidas de pessoa para pessoa. Entre os responsáveis por essa transmissão, os narradores também destacam a presença paterna e materna:

É aprendi sempre com meu pai, com meus avô, minhas avó, né? Então, a gente sempre acostumado, né? Lá pro lado do Sul, o povo antigamente ele gostava de contar muito caso. Meu pai mesmo que tá, mora do outro lado ali, que nem aquele tava trabalhando quando o senhor conversou comigo, né? Ele... ele nasceu em 1913. Então, ele tem muito causo pra contar. Tinha vez que nós ficava até meia-noite, uma hora da manhã, contando causo. Ele conta tanto causo que Deus o livre, né? (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê).

E, quando foi uma noite que eu ia soltar os cavalos lá, eu falei pra minha mãe: “Zóia! Manda o irmão mais novo junto, que eu tou com

muito medo. Eu num, eu num quero ir sozinho hoje”. Ela falou: “Não, não tem perigo não. Quando cê vê alguma coisa diferente se, se benze e faz oração que não tem nada que chega perto”. Daí, eu peguei fé naquela, naquele ensinamento que ela me deu, né? (ENTREVISTA: Francisco Plath, distrito de Lerroville).

Isso não quer dizer que todos os narradores tiveram uma relação paterna e materna próxima, ocorrem casos de discórdias familiares. Entretanto, no geral, muito da experiência de vida dos pais é repassada para os filhos, os quais levam em consideração os conselhos e boa parte das histórias ouvidas.

Saber quem narra é importante para compreender o porquê de certas histórias serem contadas, e consideradas, como verdades e outras como mentiras, pois a recepção do narrado pode ser diferenciada caso o narrador pertença ao círculo familiar, ao círculo de amigos ou caso seja alguém respeitado dentro da comunidade.

No decorrer da pesquisa de campo, notou-se que o bom narrador é também um bom ouvinte. Algo que foi percebido, principalmente, quando alguns narradores falavam de sua experiência no escutar e observar os reunidos numa roda de contação:

A turma se reunia assim, fazia uma roda assim. Então, uns faziam, antigamente, né? tinha lá no Sul, tinha não, até hoje tem algum lugar lá no meio daqueles povo mais antigo que ainda faz. Sempre tem um lugar lá que eles faz um fogo no meio, né? Sentar ao redor ali, muitos gosta de chupar chimarrão, essas coisas, né? Fazer uma pipoca, uma coisa e outra, ali fica contando causo.

E a gente chega ali, que nem eu chegava e gostava de escutar, que eu sou curioso. Até hoje ainda sou meio curioso. Não sei de nada, mas de tudo tento um pouquinho, né? Eu chegava por ali, sentava do lado e ficava escutando, né? Muitos já saía, ia brincar pra lá, pra cá. Eu nunca fui muito dessas coisa de brincar pra lá e pra cá não. Eu gostava de escutar os mais véio, né? (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê).

Ao escrever a respeito do intérprete, Paul Zumthor (1997) afirma não haver nenhuma norma universal regedora de como um intérprete deve ser inserido numa sociedade. Na comunidade pesquisada, a maioria aponta para os idosos quando indagada a respeito de quem conta histórias, como já comentado. Todavia, foram entrevistados narradores que não podem ser considerados pessoas idosas e guardam todas as características de um bom narrador.

Na realidade, não existem narradores com características específicas nessa comunidade. Há os que se destacam pela experiência de vida, o que afirma uma autoridade, e aqueles que nem sempre são lembrados como narradores, mas têm conhecimentos os quais afloram num momento favorável do cotidiano, como neste exemplo, tirado da entrevista com seu Sebastião:

Eu comecei a comentar a história do saci com camarada, porque surgiu a história do menino lá, né? que foi cortar o cabelo. Aí eu falei pra ele, digo:  
“Vou contar a história do saci pra você que aconteceu com o meu bisavô, é avô de meu pai.” Aí o avô... (ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa, distrito de Paiquerê.)

Como pode ser percebido nesse trecho, uma conjuntura cotidiana propiciou a recordação e atualização da narrativa.

A partir do instante em que uma pessoa ouve histórias, ou vive situações que se transformam em narrativas, ela pode tornar-se um intérprete. Segundo Zumthor, o “intérprete é o indivíduo de que se percebe, na performance, a voz e o gesto, pelo ouvido e pela vista” (1997, p. 225). O ouvinte também faz parte da performance. Além de ouvir e poder provocar mudanças no rumo da narrativa, quando indaga a respeito de algo, ele pode ser o futuro narrador a atualizar a história escutada. O ouvinte tem a possibilidade de recriar a seu modo e conforme sua percepção de mundo o narrado. As

marcas que esta re-criação imprime nele pertencem a sua vida íntima e não se exteriorizam necessária e imediatamente. Mas pode ocorrer que elas se exteriorizem em nova performance: o ouvinte torna-se por seu turno intérprete, e, em sua boca, em seu gesto, o poema se modifica de forma, quem sabe, radical. É assim, em parte, que se enriquecem e se transformam as tradições. (ZUMTHOR, 1997, p. 242).

Esses intérpretes que um dia ouviram, assimilaram e recriaram, ou viveram, as histórias ainda se juntam a outras pessoas para narrar? Esse foi um dado levantado, pois sem platéia não existe narrador, uma vez que “o ‘contar histórias’ não é função de uma pessoa. Arma-se uma situação na qual público e narrador comungam de um mesmo mundo, operam códigos comuns, fazem leituras e podem se revezar na imposição da voz” (FERNANDES, 2002, p. 28). Seu José Isidoro relata o seguinte a respeito da participação de crianças:

As criança de hoje não sabe quase nada, homem. E das vez quando nós trata isso aí, cê pensa que criança escuta? Se ocê num.... Se tiver a televisão aberta, pode contar, pode até Deus no céu contar uma história, que ninguém vai atender. Vai atender a televisão. Eles manteve até hoje mais é isso aí. (Entrevista José Isidoro Barbosa, distrito de Irerê).

A televisão é um atrativo muito grande para as crianças, assim muitas preferem assistir a sua programação do que ficar escutando histórias. Porém, no relato de seu Sebastião, citado um pouco acima, pode-se notar que nem todas as crianças daquela época se interessavam pelas narrativas, algumas preferiam brincar. Algo importante a ser comentado é que no decorrer da pesquisa de campo alguns narradores foram indicados por adolescentes entre doze e quinze anos. Um fato que demonstra haver crianças ouvindo. Talvez, no círculo de intérpretes e ouvintes de seu José Isidoro nenhuma criança ainda se interessou em participar. Já no círculo da Dona Carmem, as crianças participavam, como sugere o seu relato:

Meus neto quando tava pequeno, é, a mais nova fazia eu contar história pra eles. Eles gostava. Agora casaram tudo. Tem filho, tem serviço, né? Mas lembra ainda, eles fala: ‘Eu ainda gostava tanto da vó ir lá em casa contar causo pra nós’ (ri). Eu contava pra eles. Os caso que eu sabia eu contava. (Entrevista Carmem Tavares da Silva, distrito de Irerê).

A platéia varia muito conforme o círculo a que pertence o narrador. Os membros de uma comunidade de narradores nem sempre são fixos, uns crescem, outros se mudam, muitos morrem, como informa seu Pedro Antônio:

De primeiro, cê morava lá embaixo na casa, na esquina lá embaixo, sempre ia entrar pra escutar, contar história. Foi, cabou. Já faz o quê?... vai fazer uns trinta ano já. Aquele povo mais antigo que sempre gostava de escutar história não... Mudou. Outro faleceu e... então... (Entrevista Pedro Antônio Lourenço, distrito de Irerê).

Alteram-se os contextos, os temas, os participantes, mas as narrativas orais continuam a ser atualizadas. Um exemplo é o exposto por seu Pedro Luiz, que mostra ainda haver reuniões propícias para atualizações e mostra a importância da platéia nas rodas de contação:

Tem. Mas isso tem que ter tempo. Pra lembrar, né? Isso aí é muito bom, sabe por quê? E numa maloca assim ó, aí tomando uma, cê solta uma, eu alembro de dez. Mas pra lembrar tudo sozinho é... (...)  
É! É! Dia aí, cê pega conta uma piada aí: “Putá merda! A piada de fulano foi boa.” Aí começa a lembrar também, né? Aí vai muito tempo, contando piada, contando anedota. (Entrevista Pedro Luiz Barbosa, distrito de Paiquerê)

Como se percebe, na interação, os narradores tentam puxar a atenção para seu repertório, os quais variam muito conforme os participantes, uma vez que podem ser atualizados causos, anedotas, lendas, mitos, contos da carocha, histórias de trancoso etc. Os narradores vão encadeando narrativas conforme o interesse, com isso o divertimento vai se acentuando:

...quando era noite juntava tudo no terreiro ali, sentado ali ó, contando história. Um contava um causo, outro contava outro. Eles juntava tudo, contando história ali. E, uns contavam uma história e depois dava risada, outro contava outra, e ficava até tarde da noite, a lua bem clarinha, contando história. (Entrevista José Pereira Cardoso, distrito de Lerroville).

Conforme a platéia é envolvida pela história, o narrador pode dar ênfase a um determinado ponto da narrativa na intenção de manter ainda mais a concentração dos ouvintes, procura, direta e/ou indiretamente, mostrar um saber a respeito de sua cultura e do que a sua comunidade preza por certo/errado. A interação possibilita a troca de experiências e de visões de mundo entre os participantes. Assim, os laços sociais são reafirmados.

Pelo percebido nas entrevistas, nem toda narrativa é considerada como um conhecimento válido a ser repassado posteriormente, pois, para o receptor considerar o que está sendo narrado como um mundo possível ou como algo de valor, é necessário que ele se identifique com os elementos culturais presentes na narrativa, os quais têm ligação com sua visão de mundo. Dessa maneira, há uma tendência de o narrador validar – exercendo uma autoridade – aquelas narrativas nas quais as situações foram vividas por ele mesmo; aquelas que foram narradas por pessoas de sua confiança e/ou de confiança da comunidade ou, até mesmo, as narrativas que foram narradas por pessoas com força de persuasão. Pode acontecer de o receptor não acreditar em alguns

temas narrativos e mesmo assim atualizá-los, porém, no geral, o fará com tom de deboche ou hesitará em afirmar como verdadeiras as situações que está narrando. Crer e se identificar com a conjuntura narrada é item fundamental para que o tema narrativo seja atualizado com ênfase.

Enfim, as migrações possibilitam a transmissão de temas narrativos por extensões territoriais às vezes imensas, em que a troca de experiência sociocultural acontece no cotidiano. As reuniões familiares e de amigos mostraram-se como a forma mais comum com que os narradores apreendiam e atualizavam as narrativas. No entanto, algumas circunstâncias ligadas ao trabalho, ou mesmo ao cotidiano, também influem diretamente no aprendizado e veiculação de temas narrativos. Com frequência, a figura do mais velho é reiterada como fonte de aprendizagem. Uma narrativa pode ou não ser aceita como algo verdadeiro dependendo da sua relação com a visão de mundo dos participantes. Apesar de alguns narradores afirmarem que poucos estão contando histórias, percebi que esta manifestação cultural continua a fazer parte das práticas culturais dos membros da comunidade. Narrar história continua cumprindo um papel muito importante nessa comunidade: possibilitar relações humanas, a troca de percepções de mundo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: \_\_\_\_\_ . **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 197-221.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 7.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **Entre histórias e tererés**: o ouvir da literatura pantaneira. São Paulo: Unesp, 2002.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997.

#### FONTES ORAIS

ENTREVISTA: Carmem Tavares da Silva. Produção: Marcelo Rodrigues Jardim. Distrito de Irerê, Londrina, Paraná, 2005. 100min (aprox.), K-7.

ENTREVISTA: Francisco Plath. Produção: Marcelo Rodrigues Jardim. Distrito de Lerroville, Londrina, Paraná, 2005. 45min (aprox.), K-7.

ENTREVISTA: Geraldino de Camargo. Produção: Marcelo Rodrigues Jardim. Distrito de Lerroville, Londrina, Paraná, 2005. 75min (aprox.), K-7.

ENTREVISTA: José Isidoro Barbosa. Produção: Marcelo Rodrigues Jardim. Distrito de Irerê, Londrina, Paraná, 2005. 90min (aprox.), K-7.

ENTREVISTA: José Pereira Cardoso. Produção: Marcelo Rodrigues Jardim. Distrito de Lerroville, Londrina, Paraná, 2005. 80min (aprox.), K-7.

ENTREVISTA: Lázaro Ferreira dos Santos. Produção: Marcelo Rodrigues Jardim. Distrito de Irerê, Londrina, Paraná, 2005. 10min (aprox.), K-7.

ENTREVISTA: Pedro Antônio Lourenço. Produção: Marcelo Rodrigues Jardim. Distrito de Irerê, Londrina, Paraná, 2005. 50min (aprox.), K-7.

ENTREVISTA: Pedro Luiz Barbosa. Produção: Marcelo Rodrigues Jardim. Distrito de Paiquerê, Londrina, Paraná, 2005. 15min (aprox.), K-7.

ENTREVISTA: Sebastião de Oliveira Rosa. Produção: Marcelo Rodrigues Jardim. Distrito de Paiquerê, Londrina, Paraná, 2005. 95min (aprox.), K-7.